

CONCLUSÃO



Desejo destacar os principais questionamentos que foram alvos da minha pesquisa, uma vez que foram eles que me motivaram e me moveram em direção ao Mestrado em Educação. Procurei respondê-los de uma forma concisa, uma vez que durante o decorrer do trabalho e na própria análise do relato (auto)biográfico, elas já foram consideradas.

- I. Assumindo uma perspectiva de pesquisa (auto)biográfica ao examinar a trajetória formativa, como se deu a minha constituição como um professor formador? Quais foram as dificuldades? Quais os fatores facilitadores? Como foi construído o meu saber docente?
- II. Qual o lugar que a pesquisa ocupou neste itinerário formativo?
- III. A pesquisa, como princípio pedagógico, tem sido utilizada em minha prática, como professor? Em caso positivo que repercussão isto tem tido entre os alunos?
- IV. A partir da análise das respostas às perguntas acima é possível sugerir algumas pistas à formação de professores?

A pesquisa teve relevância no meu itinerário formativo, a partir do Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica, quando foi muito utilizada. Porém, em nenhum momento, ela foi destacada como uma estratégia de ensino, o que só se verificou durante as aulas do Mestrado em Educação. Este foi um dos momentos *charneira* que me propiciou experimentar esta ferramenta, a pesquisa, e que hoje faz parte integrante das minhas aulas. Tive uma repercussão favorável entre os meus alunos, como mostram os e-mails recebidos com os seus testemunhos.

Acredito que todos os profissionais devem ter um perfil que contenha, além de outros, os seguintes ingredientes: o conhecimento, a iniciativa, a cora-

gem, a ética, a visão de futuro e a criatividade. Sabe-se, por outro lado, que a Organização Mundial do Comércio – OMC planeja globalizar a profissão contábil, assim como outros órgãos de classe estão tentando diminuir as diferenças dos conceitos contábeis e mesmo formas de escrituração entre os países. Com isto, quero esclarecer que estas modificações não serão aplicadas somente na área Contábil, mas sim, em todas as áreas do conhecimento humano. Portanto, esta é mais uma tarefa que dependerá, também do professor, a de preparar nossos alunos para as novas realidades do mercado globalizado, elaborando um planejamento de aula bem mais criterioso e metucioso.

Criar o momento da pesquisa na sala de aula, como um princípio educativo, exige ampliar o espaço de troca de experiências e organizá-las em direção à sistematização do conhecimento. É o tempo da orientação em que o professor encaminha o aluno para a criação de seu próprio conhecimento. É por meio da produção escrita que o docente facilita a participação dos alunos no processo de construção deste conhecimento. Na medida em que o aluno escreve os resultados de sua pesquisa, é possível identificá-lo como um aluno pensador, um produtor de conhecimento. Assim, este aluno forma-se, também, por meio de sua escrita, um *cidadão profissional competente, capaz de participar no processo de transformação da sociedade no sentido da convivência plural e solidária*²⁴. Como explicita Demo (2003),

a cidadania gestada na universidade tem como característica mais notável a de poder instrumentar-se, mais que outras, no manejo e na produção do conhecimento.

E para confirmar as palavras de Demo, menciono o ensinamento de Freire ([1996] 2000) quando nos diz que *pesquisa para constatar, constatando, intervir, intervindo educo e me educo*. Assim, a pesquisa nos leva a conhecer o que, todavia não conhecemos e *comunicar ou anunciar a novidade*.

Ampliando um pouco mais o discurso de Freire ([1996] 2000):

mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper,

²⁴ Santos Neto, Elydio dos. *A dinâmica da Pesquisa na Graduação e o Professor-Pesquisador*, In: Aragão, Rosália Maria Ribeiro de; Santos Neto, Elydio dos; Silva, Paulo Bessa da. *Tratando da Indissociabilidade Ensino Pesquisa Extensão*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002, p. 39.

por tudo isso, nos fizemos seres éticos. [...] Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.

Portanto, quando respeitamos a *natureza do ser humano*, o ensino dos conteúdos não pode ser ministrado alheio à *formação moral do educando* que, obviamente, se faz *pari passu* com sua formação ética.

E apropriando-me dos conceitos de ética e moral, tantas vezes lidos e re-lidos em várias obras, ressalto que entendo por moral, as práticas que decorrem dos valores que constituem o ser humano. A ética é o fundamento filosófico, oriundo da reflexão, e que dá sustentação à construção moral. Devo esclarecer que educar e disciplinar o pensamento constitui-se no primeiro passo para o aperfeiçoamento individual o que leva ao aprimoramento da inteligência e do caráter. Com isto, quero elucidar que o docente, independentemente de quais forem os seus valores morais, deve agir com seus alunos de maneira ética.

De fato, Vázquez (1982), identifica a ética como

teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado porém na sua totalidade, diversidade e variedade. O que nela se afirme sobre a natureza ou fundamento das normas morais deve valer para a moral da sociedade grega, ou para a moral que vigora de fato numa comunidade humana moderna. É isso que assegura o seu caráter teórico e evita sua redução a uma disciplina normativa ou pragmática. O valor da ética como teoria está naquilo que explica, e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concreta.

A ética parte do fato da existência da história da moral, isto é, toma como ponto de partida a diversidade de morais no tempo, com seus respectivos valores, princípios e normas. Como teoria, não se identifica com os princípios e normas de nenhuma moral em particular e tampouco pode adotar uma atitude indiferente ou eclética diante delas. Juntamente com a explicação de suas diferenças, deve investigar o princípio que permita compreendê-las no seu movimento e no seu desenvolvimento.

Portanto, a ética é a *teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano*. Assim, a moral não é ciência, e sim o objeto da ciência que a estuda e investiga:

a ética não é a moral e, portanto não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicar a moral efetiva e, neste sentido, pode influir na própria moral.

[. . .]

O comportamento moral pertence somente ao homem na medida em que, sobre a sua própria natureza, cria esta segunda natureza, da qual faz parte a sua atividade moral.

Quando tive a oportunidade de tornar-me um Multiplicador de ética, na Ford, várias apostilas e obras falavam em ética. Uma delas ficou mais gravada: *Ética nas Empresas: boas intenções à parte* de Laura L. Nash. Desta obra, destaquei o que o autor entende por ética dos negócios:

[...] é o estudo da forma pela qual normas morais pessoais se aplicam às atividades e aos objetivos da empresa comercial. Não se trata de um padrão moral separado, mas do estudo de como o contexto dos negócios cria seus problemas próprios e exclusivos à pessoa moral que atua como um gerente desse sistema.

A concepção do que é Pesquisa e Educação depende, fundamentalmente, da compreensão que se tem do que é ética e do que é moral, e, portanto, toda prática docente deve estar também preocupada com a intencionalidade ética e moral. Assim, o docente deve ter a clareza suficiente destas intencionalidades a fim de poder trabalhá-las de forma adequada com seus alunos que, também, precisarão assumir suas opções éticas de maneira consciente.

Sugiro, também, aos professores a relevância do estudo de disciplinas do núcleo de Educação, como Didática, Pedagogia, entre outras, que devem fazer parte de uma educação continuada.

Outra sugestão é a de refletir sobre a sua própria trajetória formativa no sentido de, com esta reflexão, tentar mudar atitudes, posturas e mesmo vícios adquiridos ao longo da carreira docente.

O docente deve ser um exemplo vivo incentivando o aluno na construção do seu conhecimento. Assim, ele deve ser o primeiro a realizá-lo. Furlani (1998) considera que *o primeiro tema da pesquisa do professor é o aluno, e o seu perfil.*

Compartilho com o leitor, neste momento, o sentimento de Garavati (2002):

Acredito sinceramente, salvo raras exceções, que cada aluno que for reprovado e enviado para a dependência, apesar de todos os problemas [...], será por mim considerado como um “fracasso” do educador, não do aluno.

[. . .]

Teremos casos insolúveis? É óbvio que sim, mas se estivermos suficientemente preparados, vamos reduzi-los a um número infinitamente pequeno.

Outra sugestão, a partir de Freire, implica em que o docente formador necessita construir uma prática que possibilite aos alunos, utilizando toda a sua capacidade reflexiva e dialogal, juntamente com sua consciência ética e política, a constituição de uma postura crítica, ante as forças manipuladoras do mercado, conduzidas pelo insensível reclamo dos empresários, abertos à *gulodice do lucro*.

E por fim, trago ao meu leitor, para sua reflexão, o nosso mestre Freire ([1996] 2000) o qual enfatiza que

ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista que não se faz apenas com ciência e técnica.

